

Contributo Exploratório para uma Abordagem Digital Inclusiva: o Caso das Universidades de Ensino a Distância

Marina Moleirinho¹, Sofia Malheiro¹, Lina Morgado¹

¹ Laboratório de Educação a Distância & eLearning, Universidade Aberta, Portugal

Marina Moleirinho, mmoleirinho@gmail.com

Sofia Malheiro, sofias@uab.pt

Lina Morgado, Lina.Morgado@uab.pt

Resumo: Novos contextos de sala de aula ao nível dos cenários de ensino superior têm vindo a metamorfosear-se, conduzindo-nos a novas realidades onde se promove uma aprendizagem cada vez mais aberta em termos de acessibilidade e de inclusão digital. É neste contexto que o ensino a distância surge como potenciador e proporcionador de novos caminhos e experiências pedagógicas diversificadas. O contexto de sala de aula virtual assume um novo design de espaço e tempo onde emergem ambientes virtuais de aprendizagem aptos a acolher qualquer estudante com e sem necessidades educativas especiais (NEE) e/ou dificuldades de aprendizagem (DA), motivando-o para uma aprendizagem autónoma e flexível considerando a gestão de espaço, de tempo respeitando os seus ritmos e estilos de aprendizagem pessoais. É certo que as inovações/adaptações tecnológicas assumem um papel central no processo. Contudo é também urgente criar, harmonizar e padronizar novas alternativas pedagógicas para que estas estejam verdadeiramente ao alcance de todos e em especial em universidades em regime totalmente *online*.

Palavras-chave: Acessibilidade, Inclusão Digital, Ambientes Virtuais, Ensino a Distância, Necessidades Educativas Especiais.

1. Introdução

Numa sociedade em constante transformação é urgente readaptar realidades educativas e promover dinâmicas de ensino-aprendizagem que seja verdadeiramente inclusivas e acessíveis a todos. Preocupados com esta premissa, os investigadores acreditam que a educação a distância apresenta uma resposta válida para uma abordagem de ensino superior mais equitativo, onde todos podem, de acordo com as suas dificuldades e necessidades, prosseguir os seus estudos, contribuindo assim, para o seu sentido de independência, integração e participação ativa na vida social, numa formação efetiva e ao longo da vida. Este artigo inspira-se num estudo exploratório centrado na Universidade Aberta portuguesa e tem como objetivo encontrar soluções e estratégias pedagógicas digitais acessíveis e inclusivas direcionadas aos estudantes com Necessidades Educativas Especiais e/ou Dificuldades de Aprendizagem e aferir

se a as instituições de educação a distância, nomeadamente as universidades abertas tem contribuído para a inclusão digital destes estudantes.

2. Enquadramento teórico

A ideia de um ensino “de todos e para todos” é reforçada no Congresso Internacional de Educação Especial em Birmingham, Inglaterra, no sentido em que é “*essencial criar mudanças metodológicas e organizativas*” que respondam positivamente a alunos que apresentem dificuldades, gerando um ambiente educativo mais enriquecedor para todos os envolvidos no processo” [1]. Em 2003 verificamos uma emergência em definir o conceito de Educação Inclusiva que responda adequadamente ao universo das necessidades educativas nos diversos contextos e integração de todos num sistema educativo que veja a diversidade como um complemento e desafio que enriquece a aprendizagem e os contextos em que esta se desenvolve e não como um elemento obstaculizador ao rumo do sucesso educativo do próprio e dos outros.

A Universidade Aberta portuguesa (UAb), fundada em 1988, é a única instituição de ensino superior público em Portugal dedicada ao ensino a distância. Toda a oferta pedagógica desta universidade é lecionada em regime de elearning desde 2007, ano em que se tornou uma instituição europeia de referência em termos do domínio avançado do elearning e da aprendizagem online, graças ao reconhecimento internacional do seu Modelo Pedagógico Virtual [2]. Direcionada para uma aprendizagem que se baseia nos princípios da educação ao longo da vida, considerando princípios como a inclusão, e a flexibilidade, tem como missão principal formar estudantes que por diversos motivos não conseguiram terminar ou prosseguir os seus estudos universitários. O Modelo Pedagógico Virtual® [2] orienta toda a instituição quer em termos pedagógicos, quer em termos organizacionais tendo implicado a virtualização total da instituição e o uso das diferentes ferramentas de comunicação online. Dedicada a tornar o ensino verdadeiramente acessível a todos a UAb (PT), que é uma instituição de ensino virtual, tem como objetivo contribuir para uma perspetiva de ensino online, considerando o EaD, onde o fator inclusão esteja bem patente, sendo precisamente nesta área que o estudo incide.

Levy [3], tendo como referência o rápido crescimento da internet, define o aparecimento de uma cibercultura onde os computadores, ligados em rede, propiciam a emergência de uma inteligência coletiva. Mais tarde Slevin [4] ao reconhecer a existência de uma cultura online, evidencia que a Internet, por ser conhecida como um meio excelente de informação e comunicação, poderá ser o mais adequado para se desenvolverem conjunturas e ambientes adequados em termos de acessibilidades e de inclusão. Face a esta conjuntura, a comunicação mediatizada em contexto de EaD ganhou novos contornos à medida que inovações tecnológicas foram surgindo, oferecendo novas potencialidades e desafios complementares às já existentes.

A constatação de que o EaD sempre dependeu de uma infra-estrutura tecnológica, conduz-nos a um repensar urgente e a (re)adaptações no paradigma da instrução no

sentido de conferir mais acessibilidade e inclusão entre a pedagogia própria de EaD e as tecnologias que os media possibilitam [5]. [6] constata que o grande desafio passa pela evolução das metodologias pedagógicas utilizadas, ou não, independentemente das tecnologias que as suportam, tendo em conta a (re)construção da Educação a Distância numa perspetiva tridimensional, espelhando o resultado de um processo de evolução das tecnologias, o resultado de um processo de evolução pedagógica e o fruto das novas necessidades educativas originado por contextos sociais.

O EaD é visto por muitos estudantes com NEE e/ou DA que desejam prosseguir com os seus estudos ao nível superior como uma alternativa válida e com elevado potencial. Se para muitos a insegurança ou a impossibilidade de estar perante um grupo presencialmente é uma realidade incontornável, a existência do contacto mediado por um computador é descrito como um “*espelho mágico*” que protege e ajuda a preservar a diferença, como tem sido amplamente demonstrado nos trabalhos relacionados com a comunicação mediada por computador [7] [8] bem como, o direito a esta diferença [9], aliado a um sentido de acessibilidade e de inclusão que [10] descrevem como eficaz e real.

Contudo, muitos investigadores defendem que é essencial proceder a novos estudos, metodologias e investimentos que possam colmatar as barreiras e a “*brecha digital*” nomeadamente os de [11] que persistem, dificultando o que realmente deve ser um ensino de todos, para todos. De acordo com [12], [13], [10], [11] a existência de recursos alternativos ao nível de software e hardware que desempenhem o papel de ponte pedagógica-científica, aliada à conceção de cursos especializados em desenvolver e fomentar competências e conhecimentos a nível digital, serão a resposta mais válida em termos de acessibilidades e de inclusão no ensino superior em geral e em particular no caso do ensino superior a distância¹.

3. Metodologia

Esta comunicação é o resultado dum estudo exploratório ao nível duma dissertação de mestrado na qual se pretende responder à questão: “De que forma podem as Universidades Abertas e a Universidade Aberta portuguesa em concreto, contribuir para a inclusão digital de estudantes com NEE e/ou DA?” Aliada a esta questão foram equacionadas outras relativamente a abordagens pedagógicas a considerar e ao modo como os estudantes veem e sentem a inclusão nesta instituição da qual fazem parte enquanto membros da comunidade académica, tendo como objetivos centrais encontrar soluções pedagógicas inclusivas a estudantes com NEE e/ou DA com recurso às tecnologias integradas no Modelo Pedagógico Virtual® da instituição e verificar se o modelo pedagógico institucional contribui para a inclusão deste perfil de estudantes.

Como foi referido, este trabalho baseia-se num estudo de caso de natureza exploratória e incide numa metodologia de cariz quantitativa e qualitativa, sustentado

¹ - No caso da UAb (PT) existe o curso *Introdução à Acessibilidade em Ambientes Virtuais* .

pelos dados obtidos numa investigação que se desenvolveu em quatro fases. Optou-se por uma investigação com cariz quantitativo por proporcionar, de acordo com [12] uma apresentação de “*dados descritivos através de um método estatístico (...) mais objetiva, mais fiel e mais exata, visto que a observação é mais controlada*” e optou-se pelo questionário na medida em que faculta uma descrição quantitativa ou numérica de tendências da população sujeita ao estudo baseada numa recolha de dados [15]. No que respeita à investigação qualitativa, optou-se por uma modalidade de entrevista semiestruturada baseada numa tipologia de guião flexível adaptado, que segundo [16] possibilita uma recolha de dados mais diversificada em termos de experiência pessoal. [17] defendem também que esta tipologia de entrevista possibilita o cruzamento de informações presentes na entrevista com outros instrumentos norteadores utilizados na recolha de dados deste estudo. Em termos de análise de conteúdo, quer no caso da entrevista semiestruturada, quer no caso da análise das intervenções dos estudantes no *Fórum do Projeto Acessibilidades*, efetuou-se uma análise de conteúdo exaustiva baseada num conjunto de categorias e em indicadores [12].

Numa primeira fase, o estudo desenvolveu-se em torno do levantamento das estratégias políticas, pedagógicas e das práticas das Universidades Abertas europeias tendo sido lançado um questionário. Das onze universidades contatadas, seis participaram no estudo² com os seguintes objetivos: 1) efetuar um levantamento sobre se os países onde se localizam estas instituições possuem legislação educativa inclusiva específica para a tipologia de estudantes do nosso estudo; 2) conhecer o tipo de apoios existentes no sentido de melhor lhes poder responder; 3) identificar o tipo de NEE e/ou DA da população inscrita nestas instituições, serviços e apoios disponíveis para estes estudantes, bem como as medidas e metodologias pedagógicas existentes no sentido dum ensino a distância acessível e inclusivo.

A segunda fase centra-se no caso da UAb, ou seja, baseia-se num estudo dirigido aos estudantes com NEE e/ou DA da universidade portuguesa de ensino a distância tendo como objetivo aferir as necessidades e interações desta população tendo em consideração as respostas que a instituição proporciona, tanto a nível de estratégias metodológicas pedagógicas, como dos conteúdos inclusivos digitais e acessibilidades ou infra-estrutura de apoio.

A terceira fase debruça-se sobre o “Projeto Acessibilidades” (PA) que pretende ser um espaço destinado a estes estudantes, agindo como um facilitador e mediador entre eles e a instituição. Nesta etapa é elaborado um guião de entrevista semiestruturada destinado a um membro do PA da UAb. A escolha por uma modalidade de entrevista semiestruturada, baseia-se numa tipologia de guião flexível adaptado que possibilita uma recolha de dados mais diversificada em termos de experiência pessoal [16]. Além deste aspeto, esta tipologia de entrevista possibilita também o cruzamento de

² - participaram as seguintes universidades: Universidade Aberta da Grécia (HOU), Universidade Aberta de Portugal (UAb), Universidade Nacional de Educação a Distância de Espanha (UNED), a Universidade Aberta da Holanda (OUNL), a Universidade Aberta de Chipre (OUC) e a Universidade Aberta do Reino Unido (OUUK)

informações presentes na entrevista com outros elementos utilizados na recolha de dados do estudo [17].

Por último, a quarta fase recai na análise de intervenções dos estudantes que se encontram inscritos no espaço do Fórum do PA, sendo realizado um rastreio de mensagens direcionado para o estudo em questão. Em termos de análise de conteúdo da terceira e da quarta etapa deste estudo, esta baseia-se, segundo [14] em metacategorias, categorias, subcategorias e indicadores.

Uma vez recolhidos e analisados os dados obtidos segue-se o cruzamento destes a fim de se alcançarem os resultados e aferir que contributos podem vir a ser considerados no sentido de proporcionar aos estudantes com NEE e/ou DA inscritos na UAb uma tipologia de ensino superior onde a acessibilidade e a inclusão digital é uma realidade concreta.

4. Apresentação de Resultados Parciais

Importa referir que os resultados que agora se apresentam são apenas referentes à primeira fase do estudo e, portanto, parciais em relação ao estudo global.

Como foi referido anteriormente, a primeira fase do estudo pretendia conhecer o campo políticas educacionais relacionadas com NEE e/ou DA, nomeadamente as estratégias e práticas das universidades abertas europeias. Dos resultados obtidos com os questionários foi possível observar vários estádios nos países em que se encontram sediadas as instituições inquiridas:

Nível 1: Não existe política definida nem legislação específica. Fica ao critério das instituições universitárias a definição das medidas e alternativas a implementar no sentido de assegurar um ensino o mais acessível e inclusivo possível. Ou seja, no caso das universidades abertas objeto de estudo - Universidade Aberta da Holanda e Universidade Aberta de Chipre - fica também ao seu critério definir as metodologias e apoios (nomeadamente financeiro) a integrar no seu sistema.

Nível 2: Não existe referência à existência de legislação como é o caso de Espanha apesar de se verificar que possui apoio financeiro para estudantes com NEE e/ou DA. Encontramos aqui a Universidade Nacional de Educación a Distancia (UNED).

Nível 3: Existência de política educativa e legislação específica até a escolaridade obrigatória, caso em que se integra Portugal. A UAb enquadra-se neste nível.

Nível 4: Existe uma política educativa para esta área e legislação específica que é aplicada, como é o caso do Reino Unido e onde encontramos a Open University (UK);

No que respeita aos dados obtidos que procuravam conhecer as áreas de incidência das NEE e/ou DA da população estudantil das universidades abertas, constatou-se que, a nível europeu há uma incidência de estudantes com NEE e/ou DA nas áreas motoras e sensoriais. Relativamente às áreas motoras que incidiram ao nível da deficiência física, verificaram-se os seguintes valores: Universidade Aberta do Chipre (OUC) 52,2%, Universidade Aberta da Holanda (OUNL) 17,9%, Universidad Nacional de Educación a Distancia, de Espanha, 59,6%, UAb (PT) 51,6% e na Universidade Aberta da Grécia é de 42,3%. No que respeita à área sensorial que se centra em deficiência auditiva e/ou visual) constataram-se os seguintes valores: Universidade Aberta do Chipre (OUC) 39,1%, Universidade Aberta da Holanda (OUNL) 22,4%, Universidad Nacional de Educación a Distancia, de Espanha, 19%, UAb (PT) 35,5% e Universidade Aberta da Grécia 40,1%.

Esta tendência obtida nos resultados a nível europeu vai de encontro àqueles obtidos ao nível do caso da UAb (PT), pois registou-se 40% relativamente à primeira área (deficiência física) e 33,4% para a segunda (deficiência auditiva e/ou visual), tendo-se também verificado que há uma percentagem considerável de estudantes, cerca de 42%, que opta por prosseguir os seus estudos superiores em regime parcial³.

Os outros handicaps registados que surgem logo em seguida são os seguintes: ao nível cognitivo e neurológico, com 13,3%, daltonismo, com 6,7 e, finalmente, as dificuldades na assimilação dos conteúdos lecionados, com 6,7%.

Segundo as respostas obtidas, observou-se que os estudantes possuem experiência em Ambientes Virtuais de Aprendizagem e, segundo as universidades europeias inquiridas, existem um conjunto de soluções diferenciadas de suporte nomeadamente, formatos alternativos, atividades diferenciadas, ferramentas, recursos, etc. Relativamente a esta componente do estudo não obtivemos resposta da parte das universidades abertas da Holanda (HOU) e do Reino Unido (OUUK). Relativamente a conteúdos, formatos alternativos e ferramentas observou-se que os conteúdos textuais são os mais frequentes, seguidos de áudio e vídeo, sendo que a UNED possui uma maior diversidade de conteúdos pois, também dispõe de língua gestual e elementos gráficos sem descrições. No que concerne aos formatos alternativos, a UAb referiu vídeo, enquanto a OUNL e a OUC áudio, vídeo e textual, e a UNED, que é a instituição com maior número de estudantes inscritos com N. E. E. e/ou D. A., indica áudio, língua gestual, vídeo e textual, concluindo-se, por isso, que tem vindo a desenvolver um grande investimento em termos inclusão no sentido de desenvolver uma maior aptidão em responder às necessidades do seu universo de estudantes. Em termos de ferramentas mais utilizadas todas as universidades abertas referiram em primeiro lugar o uso de fóruns, sendo este o mais frequente, seguindo-se *chats*, *email* e *web conferences*, indicando que o nível de interação entre estes estudantes era “o mesmo que com os estudantes normais”.

³ - regime de Tempo Parcial na UAb (PT) refere-se àquele em que o estudante, em cada ano letivo, efetua inscrições em parte do total das unidades curriculares a que se poderia inscrever no regime de estudos a tempo integral.

Em termos de avaliação todos os estudantes são submetidos a avaliação. Porém, na HOU e na OUC não há adaptações em termos de avaliação e no caso da UAb, da UNED e da OUNL, foi referido que era disponibilizado mais tempo relativamente à realização de exames e de entrega de trabalhos. No entanto, apesar de terem sido solicitados os critérios a que os estudantes com N. E. E. e/ou D. A. eram submetidos, estes não foram sendo descritos especificamente.

Outra abordagem pertinente no estudo foi aferir se existe e como se processa a formação de professores, tutores e técnicos ao nível dos estudantes com N. E. E. e/ou D. A. tendo em conta as questões da acessibilidades e da inclusão digital tendo-se verificado que a UNED e a OUNL disponibilizam essa formação. No caso da UNED não é revelado o tipo de formação, nem quem a disponibiliza a formação, mas na OUNL a formação é disponibilizada através de *Workshops* e *Online Training Tutorials*, que é consistente com a metodologia do modelo usado em educação a distância, onde a perspectiva de uma aprendizagem colaborativa promove um sentido de interação mais propício a uma ideia de comunidade de aprendizagem. Porém, as *workshops* decorrem num Instituto presencialmente, corroborando a ideia de que existem espaços educativos preocupados com a implementação de uma educação a distância inclusiva. Além deste aspeto, a instituição promove a realização de filmes e casos incidem nestes estudantes que servem *know-how*, confirmando o cariz colaborativo, ou seja, os professores, tutores e técnicos, através da partilha de melhorar a educação superior a distância.

Referências bibliográficas

1. Ainscow, M. (1995). Education For All: Making It Happen. In: International Congress of Special Education (Birmingham), pp. 147-155. University of Cambridge, UK. [Disponível em: <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1467-9604.1995.tb00031.x/abstract>]
2. Pereira, A, Mendes, A., Morgado, L., Amante, L. & Bidarra, J. (2008). Universidade Aberta's Pedagogical Model for Distance Education, Lisbon: Universidade Aberta https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/2388/1/MPV_uaberta_english.pdf
3. Lévy, P. (2000). *Cibercultura*. Instituto Piaget, Lisboa.
4. Slevin, J. (2002). Internet e Sociedade. Temas e Debates: Lisboa .
5. Morgado, L (2003). Os novos desafios do tutor a distância: o regresso ao paradigma da sala de aula. *Discursos - Perspectivas em Educação*, Lisboa, pp.77-89 .
6. Silva, S. (2011). Itinerários de @prendiz Colaborativa-Cooperativa em Contexto Online. Tese de Doutoramento em Ciências da Educação na Especialidade de Comunicação Educacional da Universidade Aberta, Lisboa.
7. Quintas-Mendes, A., Morgado, L., & Amante, L. (2008). Online Communication and E-Learning. In T. Kidd, & H. Song (Eds.), *Handbook of*

- Research on Instructional Systems and Technology* (pp. 927-943). Hershey, PA: Information Science Reference. doi:10.4018/978-1-59904-865-9.ch065
8. Quintas-Mendes A., Morgado, L., Amante L.: (2010). Comunicação mediatizada por computador e educação online. Da distância à proximidade, In Silva, M., Pesce, L. *Educação Online: Cenário, Formação e Questões*. Wak Ed.
 9. Richardson, J. T. E. (2009). The Attainment and Experiences of Disabled Students in Distance Education. In: Distance Education, pp. 87-102. Institute of Educational Technology: The Open University, UK. [Disponível em: <http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/01587910902845931#preview>]
 10. Long, G. L., Mallory, J. Rappold, R. P., Vignare, K. (2007). Access to Communication For Deaf, Hard-of-Hearing and ESL Students in Blended Learning Courses. *International Review of Research in Open and Distance Learning*, Vol. 8, Number 3, pp. 1-13. National Technical Institute of the Deaf, USA .
 11. Hernández, R., Amado-Salvatierra, H. R., Hilera, J. R. (2010). *Proyecto: E-Inclusión. Implementación de Estándares de Accesibilidad en el Proceso de Diseño de Cursos en Ambiente de Aprendizaje Virtual* [Disponível em: http://www.esvial.org/wp-content/files/paper_Cafvir113.pdf]
 12. Schwarz, L. M. (2004). Technical Evaluation Report – 36. Advanced Accessibility Features for Inclusive Distance Education. *International Review of Research in Open and Distance Learning*, Vol. 5, Number 3, pp. 1-5. Athabasca University, Canada's Open University, Canada.
 13. Clark, S., Baggaley, J.: Technical Evaluation Report – 37. Assistive Software for Disabled Learners. *International Review of Research in Open and Distance Learning*, Vol. 5, N. 3. Athabasca University, Canada's Open University, Canada. [Disponível em: <http://www.irrodl.org/index.php/irrodl/article/view/198/280>]
 14. Bardin, L. (2009). *Análise de Conteúdo*. Edições 70, Lisboa .
 15. Creswell, J. W. (2009). *Research Design-Qualitative, Quantitative, and Mixed Methods Approaches*. Sage Publications:California.
 16. Anderson, T., Kanuka, H. (2003). *e-Research: Methods, Strategies and Issues*. Allyn and Bacon, Boston (2003).
 17. Bogdan, R.E., Biklen, S.(2010). *Investigação Qualitativa em Educação: Uma Introdução à Teoria e aos Métodos*. Porto Editora, Porto .